

# Apresentação

A seção Artigos do número 2 do volume 15 de GeoTextos é aberta com texto de Jamille da Silva Lima que vai problematizar o tema da identidade, tendo a crítica à colonialidade “como pano de fundo de uma Geografia que subverte o totalitarismo de reiteração do si mesmo, nos desafiando a uma fenomenologia que se preste ao movimento de traumatismo do solipsismo do eu e de acolhimento do Outro”. Em suas pesquisas, o Outro é o povo indígena Payayá, “um povo que fora muito numeroso e que habitava uma ampla região nos estados da Bahia e de Sergipe, com limites difíceis de precisar”. A autora vai se deter também sobre a geograficidade Payayá, que, para ela, “contrapõe a tarefa colonial de desenraizar pessoas dos lugares, ao tempo que freme à própria noção de enraizamento costumeiramente aludida”, já que, nesse contexto Outro, estar enraizado consistiria “na agudez do ouvir a terra e por ela lutar, apesar de toda a força gravitacional dirigida para extenuar a irrupção da luta”. No artigo que se segue, Juliano Strachulski e Jorge No Kaya Alves buscam compreender a relação dos *Kaingnag* e suas práticas tradicionais – materiais e simbólicas – com o território, na Terra Indígena Faxinal (TIF), localizada no município de Cândido de Abreu – Paraná. Aqui, a territorialidade indígena reproduz “uma cumplicidade com a terra, tanto na sua emersão (nascimento) dela quanto na sua imersão (morte) nela”, consolidando “um valor expresso no território que possibilita autonomia, garante a existência e a reprodução cultural, representando a dimensão simbólica e a afetividade desse povo com este espaço”.

Os três artigos seguintes da seção têm em comum o aprofundamento de temáticas emergentes, relacionadas aos campos da produção agrícola/ industrial e do meio ambiente: Aline Fernanda Cardoso e Anete Marília Pereira discutem “as vulnerabilidades para a saúde do trabalhador relacionadas ao processo de produção agrícola baseado em agroquímicos no Norte de Minas Gerais”, e, para isso, se utilizam dos indicadores socioeconômicos,

bem como dos dados sobre a estrutura agrária dos estabelecimentos rurais e as intoxicações associadas ao uso dos agrotóxicos, para concluir que “o Norte de Minas é um espaço propício para a contaminação e a intoxicação por agrotóxicos, por apresentar um quadro de fragilidade social e econômica que influencia diretamente o acesso à informação sobre o manuseio dos agrotóxicos e aos serviços de saúde ou outros serviços públicos essenciais”. Já Allison Bezerra Oliveira e Maria da Conceição Mesquita Leal vão “analisar o processo de especialização produtiva do trabalho no Maranhão mediante o avanço da cadeia de papel e celulose em face da intensificação do extrativismo arbóreo desencadeado pela implantação da unidade fabril da Suzano em Imperatriz, sudoeste do estado”, observando que “há em curso um intenso processo de especialização produtiva da força de trabalho no Maranhão e, em especial, na microrregião de Imperatriz em direção aos segmentos da cadeia de papel e celulose”, consolidando “o Maranhão enquanto periferia agroexportadora de matéria-prima beneficiada”, e fincando “parte expressiva de suas bases geoeconômicas em um modelo industrial extremamente oneroso, sob diversas formas”. No texto que se segue, Pablo Jonas Camilo quer “demonstrar quais são os elementos envolvidos no processo produtivo na cadeia produtiva do leite, que estão estimulando transformações nos modelos de captação e transporte” deste produto, observando que “as empresas de laticínios inserem o modelo especializado de transporte em sua rede de captação e distribuição quando conseguem transferir para o produto os custos adicionais deste modelo”. O autor destaca também a importância da existência de “área de captação – bacia leiteira – a ser explorada e que atenda aos requisitos mínimos como: estradas em boas condições, disposição de produtores e nível de especialização dos produtores”, além “de uma sólida estrutura industrial que tenha representatividade significativa no mercado”.

No sexto artigo da seção, Aiala Colares Couto parte da hipótese de “que na Amazônia o narcotráfico está territorializado em redes (territórios-rede ou territórios em rede) a partir das conexões regionais, nacionais e globais da economia do crime”, configurando-se, deste modo, “relações de poder do narcotráfico, um poder sobreposto ao poder soberano e legítimo do Estado brasileiro”: Couto vai constatar, em suas pesquisas, a importância que “as redes ilegais do narcotráfico atribuem à região amazônica”, tornando-a

“rota primária ou área de trânsito obrigatório para o transporte da droga (cocaína) realizada por narcotraficantes dos países da Comunidade Andina (Bolívia, Colômbia e Peru) conectados às facções criminosas do Brasil”.

Os dois artigos que se seguem abordam temas e aspectos metodológicos importantes da Geografia física: Jander Barbosa Monteiro e Maria Elisa Zanella analisam os “acumulados diários expressivos de precipitação pluvial que ocorreram em março de 2019 no estado do Ceará”, procurando com isso “identificar se os mesmos foram considerados extremos (a partir da Metodologia Estatística dos Máximos de Precipitação), além de analisar os sistemas atmosféricos que deflagraram tais eventos e possíveis danos ocasionados”, concluindo que “ainda que o cenário das reservas hídricas no território cearense não tenha apresentado transformações significativas por conta dos acumulados verificados nos meses iniciais do ano”, não se deve ignorar ou minimizar “os danos associados aos episódios pluviométricos extremos (...) em virtude das ocorrências pontuais em algumas localidades do estado”; Vinícius Vieira Pontini e André Luiz Nascentes Coelho procuram “diagnosticar o panorama ambiental de sistemas fluviais da Bacia de Drenagem do Rio Novo, com enfoque em áreas urbanas no seu médio e baixo curso”, aplicando à Bacia, localizada no Espírito Santo, um Protocolo de Avaliação Rápida – PAR, elaborado a partir das realidades locais. Os autores apresentam também as potencialidades do PAR “enquanto ferramenta acessível e de baixo custo a ser utilizada no monitoramento de sistemas fluviais em áreas urbanas e contribuir para a melhor gestão e proteção dos mesmos”.

No artigo que abre a seção Perspectivas, Meryelle Macedo da Silva e Henrique Cunha Junior vão se utilizar de metodologia baseada em percursos urbanos para revelar o patrimônio afrocratense, em especial no centro histórico do Crato-CE e no bairro Seminário, localizado na mesma cidade, sintetizando “os resultados em três exemplares arquitetônicos: a antiga Casa Câmara e Cadeia (hoje espaço museológico), a Feira livre e tradicional e o Seminário São José”. Os autores partem da premissa de que a “construção de cada exemplar guarda em si conhecimentos ancestrais sobre o fazer e o ser, que devem ser revelados como propulsores do respeito à diversidade cultural e do conhecimento/reconhecimento étnico-racial”, argumentando que “os percursos urbanos, condicionados

sob base conceitual apropriada”, promovem “a consciência espacial sobre o patrimônio afrocratense, sendo relevantes instrumentos de estudo do espaço urbano”. Por fim, Patrícia Ponte questiona em seu artigo o que é paisagem e o que há na paisagem além do que vemos nela, empreendendo uma busca das trajetórias do conceito/da categoria paisagem em Geografia, perscrutando suas “aberturas” e os novos sentidos atribuídos a ela. A autora conclui que a paisagem “se desdobra não em algo exterior, mas nela mesma, enquanto base de nossa existência, contatos e sensações não mediadas do/com o mundo”.

Boa leitura!

Angelo Serpa  
Editor Responsável